

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

Os menores de 18 anos, analfabetos ou que não tiverem o exame de ensino elementar, não poderão, a partir de 1 de Janeiro de 1955, ser contratados por nenhuma empresa comercial ou industrial.

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 77 — Domingo, 28 de Novembro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE MUNICIPALISMO

“CADA PUEBLO VALE LO QUE VALE SU ALCALDE”

«CADA pueblo vale lo que vale su alcalde.» — Encontramos esta frase, expressiva e lapidária, numa revista espanhola em que se dava balanço à obra realizada em 9212 «ayuntamientos», obra que, pela sua magnitude, tinha transformado a fisionomia de Espanha. E na revista em causa, sem qualquer ar de publicidade paga à linha, apontavam-se os nomes desses esforçados homens, que vivendo apaixonadamente os problemas das suas terras e tendo em conta o interesse público, haviam operado, quer nas

grandes cidades, quer nos modestos burgos, uma pacífica revolução urbanística, educacional, turística e assistencial.

Efectivamente, a frase que transcrevemos, sobre ser expressiva, corresponde à mais irrefutável verdade. Um presidente de Câmara activo, inteligente, competente das suas responsabilidades e dedicado à sua terra e aos seus conterrâneos, pode operar verdadeiras maravilhas. Para ele, animado do desejo de realizar obra útil, não há dificuldades, porque as sabe remover quando elas se lhe deparam. E ocorre-nos à lembrança esse homem fisicamente pequeno, que se

chamou Rosa Araújo, que foi um gigante de vontade, de entusiasmo e de visão e que, arrostando com os ho-

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

NA CASA DO ALGARVE EM LISBOA GRANDE CONCURSO fotográfico

DE MOTIVOS ALGARVIOS

VAl a Casa do Algarve, em Lisboa, por intermédio da sua Comissão de Turismo e Propaganda, promover, na segunda quinzena do próximo mês de Dezembro, um interessante Concurso de Fotografias do Al-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Engenheiro ARANTES E OLIVEIRA

CONFORME já noticiámos, deve visitar o Algarve o sr. eng. Eduardo Arantes e Oliveira, ilustre ministro da Obras Públicas. Segundo nos informam, de fonte autorizada, essa visita terá lugar nos dias 11, 12 e 13 do próximo mês de Dezembro, sendo agendada com o maior interesse, em toda a província.

O sr. ministro das Obras Públicas tem sido verdadeiramente incansável nas visitas feitas por quase todo o País, inteirando-se, de visu, de diversos e importantes assuntos dependentes da sua pasta. O Algarve, que se sentirá extremamente honrado em receber tão ilustre visitante, vai ter, pois, ensejo de expor ao sr. eng. Arantes e Oliveira, alguns dos seus problemas mais instantes.



CALDAS DE MONCHIQUE — Terras da Francesa (Óleo do pintor Lyster Franco)

A NOSSA RIQUEZA TURÍSTICA

TERMAS DE PORTUGAL

É FACTO indiscutível que Portugal, além de país excepcionalmente dotado para a prática do turismo, pode também orgulhar-se de ser uma das regiões do mundo onde mais numerosas se revelam as estâncias minero-medicinais. Assim, poder-se-ia, há poucos anos atrás, calcular em mais de duzentas as estâncias existentes, — exploradas, umas; em estudo, outras, e algumas abandonadas — estâncias entre as quais encontraremos quase todos os tipos de águas conhecidas.

Sem dúvida que essa riqueza avoluma, no que diz respeito a estâncias sulfurosas; mas não escasseiam, por certo, abundantes e caudalosas fontes alcalinas, cloradas, férreas, sulfatadas, ou de fraca mineralização, sendo, algumas delas, potentemente rádio-activas, por isso que chegam a atingir 9,48 miligramas-minutos, como sucede, por exemplo, com a de Santo Amaro, no concelho de Sabugal, e na qual se pode até registar a existência de sais de rádio dissolvidos.

Acresce que a essa riqueza natural, têm imprimido maior

eficiência os estabelecimentos termiais portugueses, por meio do seu progressivo desenvolvimento e pelo seu constante empenho de corresponderem às existências da moderna técnica hidro-medicinal, tanto no que se refere ao conforto das suas instalações, — as quais, em muitos casos bem conhecidos, não recebem já conforto com as congêneres estrangeiras — como no que diz respeito às distrações proporcionadas aos seus nume-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

PEDAGOGIA DA FORÇA

Infinitamente mais doloroso do que ver uma criança a ser espancada, em nome da educação, é verificar que essa mesma criança se tornou malhada, prometendo a si mesma, tácitamente, que não se afastará um milímetro dos seus designios interiores.

A pedagogia da força, do pau permanentemente alçado em programa de bordoada, ou da bordoada efectiva, dá sempre frutos sorvados.

FILOSOFIA

— Para que serve a filosofia? — perguntam certos impertinentes. Ao que se pode contrapor: — Para que serve tudo mais que não é filosofia?

— Ora essa! Para podermos viver... E nós poderíamos rematar: não basta viver; importa saber como viver; importa dar um alto sentido à vida — e esse papel de orientação cabe à filosofia.

HISTÓRIA E MEIO

GEOGRÁFICO

Houve um tempo em que os historiadores só consideravam o homem na sua acção social, e se esqueciam inteiramente do meio telúrico em que o homem vivia, como se esse meio não tivesse qualquer repercussão nas figuras que nele se moviam. Como disse Michelet:

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

NOVA VERAÇÃO CAMARÁRIA E REPRESENTANTES DO CONSELHO MUNICIPAL

EM sessão efectuada no edifício dos Paços do Concelho, em 25 do corrente, foram designados os membros do Conselho Municipal e eleitos, em escrutínio secreto, os vereadores para o exercício de 1955 a 1958.

A nova veração municipal fica constituída pelos seguintes elementos:

EFFECTIVOS: srs. Luís Acácio Cardoso de Figueiredo, proprietário, eng. João Manuel Gomes Barroso, Aurélio Ambrósio Machado, professor, e Manuel Guerreiro, rural.

SUBSTITUTOS: srs. José Rodrigues Marques, despachante alfandegário, José Graciliano Vieira Carmo, proprietário, José Mateus Maria e Silva, comerciante,

e Faustino de Sousa Oliva, proprietário.

A composição do Conselho Municipal é a seguinte:

REPRESENTANTES: da Santa Casa da Misericórdia — dr. José O. Gomes Sanches; Sindicatos — Daniel de Carmo Martins e José Bento Júnior; Ordens — dr. Francisco Dias Cavaco; Casa dos Pescadores — comandante José Emilio Henriques de Brito; Junta de Freguesia de Vila Real — Mário Antunes Lança; Junta de Freguesia de Cacela — Alexandrino Guerreiro Cavaco; Contr. Predial Rústica — Fabrício F. Pessanha Barbosa; Contr. Predial — Grupo C — José Gomes Cumbreira.

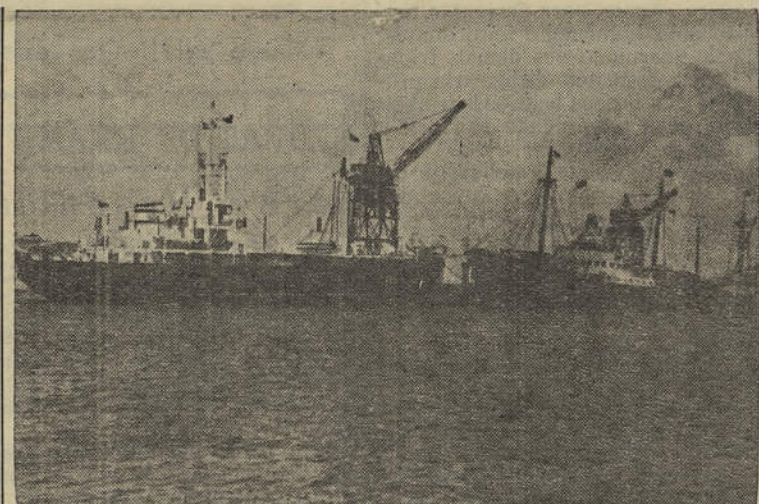
Para secretários permanentes, foram escolhidos os srs. Mário A. Lança e Alexandrino G. Cavaco.

AS AUTORIDADES MARÍTIMAS PORTUGUESAS trataram em Huelva

DA DRAGAGEM DO GUADIANA

CONVITE das autoridades navais e de obras portuárias do país vizinho, deslocaram-se, há dias, à cidade andaluza de Huelva os srs. comandante José Emilio Henriques de Brito, capitão dos Portos de Vila Real de Santo António, Tavira e Faro; eng. Custódio Rosado Pereira, director da Junta Autónoma dos Portos de Sotaventos Algarve, e António Almodôvar, presidente do Grémio dos Armadores de Pesca, de Olhão, os quais eram acompanhados pelo cônsul de Espanha em Faro, sr. Don Enrique Suarez de Puga.

A recepção que lhes foi dispensada foi cativante, como é próprio de «nuestros hermanos», e após a recepção pelas entidades oficiais que os aguardavam, no Governo Civil da Província, foram as nossas autoridades homenageadas com um almoço, em La Rábida, e seguidamente, com um jantar. A este assistiu, entre ou-



Porto de Vila Real de Santo António

tras individualidades espanholas de representação, com as respectivas esposas, o cônsul de Portugal em Huelva. Findo o repasto, exibiram-se os grupos corais e coreográficos da Secção Feminina da Falange, com seus descantes regionais e danças típicas andaluzas.

Em reunião de trabalhos, efectuada posteriormente, na Junta de Obras do Porto de Huelva, foi ventilada a vantagem de ser dragada

a barra do Rio Guadiana, em colaboração dos dois países, de modo a satisfazer

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

CONGRESSO NACIONAL DE PESCA

POR iniciativa do Gabinete de Estudos da Pesca, realiza-se, de 28 de Março a 4 de Abril do corrente ano, em Lisboa, o IV Congresso Nacional da Pesca, a fim de resolver, dentro dum espírito prático, os diversos problemas de interesse para a indústria e para os que nela trabalham.

Neste Congresso, que terá o patrocínio do Governo, podem inscrever-se não só as pessoas mais directamente interessadas, como também todas as que, pela sua situação ou conhecimentos, possam trazer quaisquer elementos úteis à pesca. Espera-se também a colaboração dos nossos centros de investigação científica, universidades, institutos de biologia marítima e de zoologia, laboratórios, etc.

CRENÇA NO PROGRESSO

Por N. RODRIGUES PENA

É A PARTIR do fim do século XIX, que se começa a acentuar uma forte corrente de negativismo, conduzindo a maior parte dos pensadores a duvidar e até a combater todas as forças que até aí tinham sido consideradas como meios do progresso e do desenvolvimento da sociedade humana.

O século XIX, «o século das luzes», ou o «estúpido século XIX», como outros o denominaram, significou, na verdade, um dos mais generosos e promissores tempos em todo o curso da história humana. Vivia-se num período de entusiasmo e de autêntica euforia e aceitava-se geralmente, como crença, a ideia de que todos os problemas humanos estavam em vésperas de encontrarem solução. O conhecido historiador belga Jacques Pirenne, na sua obra *As grandes correntes da História Universal* — admirável síntese dos acontecimentos humanos — observa com exactidão: *No século XIX, acreditou-se na perenidade do progresso, e os homens imaginaram então que nunca se veria o massacre de populações vencidas, o ex-*

termínio dum raça por outra, sem outro motivo além de um ódio étnico, semelhante ao que

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

CORTEJO DE OFERENDAS em beneficio DO HOSPITAL DE FARO

É HOJE que se realiza o anunciado Cortejo de Oferendas em beneficio do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Faro, sendo de esperar que tão generosa realização se transforme numa grande e expressiva parada de caridade.

A capital da província saberá honrar, com o brilho do costume, os pergaminhos de que muito justamente se orgulha.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

De visita a seus pais, sr. António da Cruz Martins e D. Clara Tenório da Cruz Martins, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa e filhos, o sr. Francisco Maria da Cruz Martins, nosso querido amigo e prezado assinante em Beja.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, aonde veio de visita a sua família, o nosso estimado amigo e assinante em Portimão, sr. António Ramirez.

Depois de permanecer alguns dias em Silves, em gozo de férias, retirou para Lisboa o nosso ilustre comprovacionista e prezado colaborador, sr. Julião Quintinha, distinto escritor e jornalista.

Esteve em Lisboa, com curta demora, tendo já regressado a esta vila o nosso estimado amigo e assinante, sr. Emílio Diogo Costa.

Com sua neta, D. Maria Manuela Martins Rosa, já regressou da sua quinta, em Alcantarilha, a sr.ª D. Antónia Viegas Rosa.

De visita a sua família, esteve alguns dias na capital o nosso prezado amigo e colaborador, sr. Alvaro Magno Guerreiro.

Acompanhado de sua esposa, seguiu há dias para o norte do País, em viagem de recreio, o nosso prezado amigo e assinante, sr. José Pereira de Oliveira, piloto-mór da Barra do Guadiana.

Regressou de Lisboa, acompanhado de sua esposa, o sr. capitão Carlos Marques Loureiro, dedicado comandante da Polícia de Segurança Pública e nosso prezado assinante, residente em Faro.

Após longa estadia, regressou de Portimão a sr.ª D. Teresa Alexandre.

De passagem para Huelva, esteve nesta vila o nosso prezado assinante, sr. Silvério Pilar, industrial de camionagem em Tavira.

Encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Flaminio Gil.

Com curta demora, esteve nesta vila, de visita a sua família o nosso prezado amigo e assinante, sr. João Faustino, residente em Lisboa.

Regressou de Lisboa, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante, sr. Jorge Ponce Medeiros.

De regresso da sua viagem pela Europa, encontra-se já nesta vila a nossa distinta colaboradora e poetisa, sr.ª D. Maria das Dores Dominguez Ramirez, que se fazia acompanhar de seus primos, sr. Emílio Garcia Ramirez e sua esposa.

Nascimento

Em Londres, onde reside, deu à luz uma criança do sexo masculino a nossa conterrânea, Mrs. Jean Harper, filha do nosso prezado amigo e assinante, sr. eng. M. D. M. Falconer, há muitos anos Vice-Cônsul Britânico nesta vila.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

PROFESSORAS BOLSEIRAS

FOI concedida equiparação a bolseiro no País, para efeitos de dispensa do serviço docente, durante o presente ano escolar, às professoras do ensino primário, sr.ª D. Maria Armada Tavares Belo, de Estol, e D. Maria Apolinária Macias Marques, de Bias do Sul (Olhão).

PELA VILA

Recomeçaram as obras no jardim marginal, estando este a ser alargado na direcção Norte, até ao local onde esteve o antigo posto aduaneiro.

Foi preso pela P. S. P., e remetido ao Tribunal Judicial, o marítimo Angelino Serrano Polido (O «Patilha»), de Monte Gordo, por ter assaltado, na Mata Nacional, e causado ferimentos a sr.ª Etelevina da Rosa, viúva, de 60 anos, também de Monte Gordo, quando esta se dirigia para sua casa, no dia 22 do corrente.

Recordando O NAUFRÁGIO DA BARCA «FARO»

Passou no dia 11 deste mês o 61.º aniversário de uma tragédia marítima que enlutou algumas famílias desta vila.

E' de «O Século» de 14 de Dezembro de 1893, que transcrevemos o seguinte relato:

COMO ontem referimos, chegaram a Lisboa os naufragos sobreviventes da barca portuguesa «Faro», que foi a pique no dia 11 de Novembro, em consequência de ter sido surpreendida por um violentíssimo ciclone durante a viagem de Filadélfia para Setúbal, na latitude N. 35.º e 12' e longitude W. 51.º e 18'.

Os naufragos, que vieram da Horta no vapor «Funchal», foram os srs. Manuel dos Santos Vasco, capitão; José Alemão, piloto; António Alho, contramestre; António Mascarenhas, marinheiro; José Pedro de Sousa Oliva, praticante; Marcelino José, marinheiro, e António Silva, cozinheiro.

São realmente horrorosas as condições em que o sinistro se deu. Eis como os infelizes, que vieram ontem à nossa redacção, nararam aquela triste catástrofe, que custou a vida a cinco desventurados tripulantes.

A barca «Faro» saiu de Filadélfia no dia 24 de Outubro, com 13.130 caixas de petróleo, com destino a Setúbal, a ordens; no dia 11 de Novembro corrente, estava nas alturas que acima mencionámos, quando às 4 horas da tarde se manifestou um violentíssimo ciclone, começando o vento a soprar de S. O. girando até ao N. e N. O.

O capitão viu-se obrigado a aliviar a carga, deitando petróleo ao mar, até ao dia 11, às 11 horas da noite, em que uma vaga de mar lhe partiu a roda do leme, destruindo também a bitácula, dois albios da câmara, varanda do salto, balaustres, etc., ficando logo a câmara da «Faro» cheia de água e gravemente feridos os dois homens que estavam ao leme; um daqueles desgraçados ficou com os tendões da perna esquerda cortados, perdendo também quase todo o tecido muscular da coxa!

O navio continuou a fugir desordenadamente, perdendo a bússola, e no meio de completa escuridão; às 4 horas da manhã do dia 12, uma alterosa vaga alcançou a «Faro» levando as cambotas e a cabeça do leme, ficando então o navio à matroca e atravessando ao mar, sossobrou, metendo a borda de estibordo.

A tripulação, numa luta desesperada, correu neste momento, parte para cima do costado, agarrando-se aos fuzis da enérgia do traquete e outros aguentaram-se à enérgia do mastro da gata.

Uma outra vaga, que entrou por estibordo, partiu então o mastro pelo calce, o mastaréu do velacho pelo meio, e o pau da bujarona pela pega; neste momento o navio endireitou ficando razo com o mar.

A situação dos tripulantes era então horrível, cada um procurava fugir à morte; sete subiram para a verga do traquete, um ficou no mastro grande e quatro foram para as enérgias da gata. Os últimos pouco tempo ali estiveram, porque uma nova vaga os arrastou para as profundezas do abismo.

Os sobreviventes, que estiveram na nossa redacção, conservaram-se nos destroços do navio, até às 3 horas da tarde do dia 14, isto é, três dias e três noites sem receberem alimento algum, com a morte entre os olhos e sem a menor esperança de salvação.

Falecimentos

Hermínia Xavier

Faleceu, em 14 do corrente, na vizinha povoação de Odeteite, a sr.ª D. Hermínia Xavier, de 79 anos, viúva, proprietária, dali natural.

A extinta era mãe da sr.ª D. Clemilde Xavier e do sr. Mário Xavier.

António de Sousa Faleiro

Em 23 do corrente mês, faleceu nesta vila o sr. António de Sousa Faleiro, de 70 anos, viúvo, natural de Santo Estêvão (Tavira). O extinto foi, durante muitos anos, industrial de padaria nesta vila.

As famílias enlutadas, apresentam condolências.

Estes funerais estiveram a cargo da «Agência Patrocínio».

Manuel António Pires

Em 16 do corrente, faleceu em Tavira, donde era natural, o sr. Manuel António Pires, viúvo, de 83 anos, cujo funeral se realizou no dia seguinte.

O extinto era pai dos srs. Isidoro Manuel Pires e Manuel Virgínio Pires, respectivamente, director e proprietário do nosso prezado colega «Povo Algarvio», a quem «Notícias do Algarve» apresenta a expressão do mais sentido pesar.

Às três horas da madrugada, porém, foram socorridos e salvos pela barca alemã «Augustura», na latitude N. 33.º 20' e longitude W. 45.º 10'.

Os sobreviventes nararam que no dia 13 avistaram um vapor que lhes trouxe uma esperança de salvação, mas desgraçadamente não foram vistos pela tripulação do navio.

Um dos naufragos sobreviventes, António dos Santos, casado, de 25 anos de idade, ferido numa perna e que se achava ao leme, quando se levantou o ciclone, faleceu a bordo do «Augustura», no dia 21 de Novembro, sendo lançado ao mar no dia 22.

As vítimas do naufrágio foram: Justino Alves, solteiro, de 18 anos; António Severino, viúvo, de 34 anos; Lino Luiz, solteiro, praticante, de 16 anos; Manuel do Ó, casado, de 50 anos, e António dos Santos.

O capitão Vasco é um verdadeiro homem do mar; navega há 39 anos e é capitão há 30; deplora com profunda saudade a morte dos seus infelizes companheiros, um deles seu cunhado.

No dia 25 de Novembro, chegou ao porto de Horta a barca salvadora «Augustura», procedente da baía de Monte-Cristo, da ilha de S. Domingos, em lastro, com destino de Roterdão; arribou àquele porto para desembarcar os sete naufragos da barca «Faro».

Na Horta, foram prestados aos naufragos todos os socorros. O sr. António Luís de Serra, gerente da casa dos srs. Bensaúde & C.ª, forneceu-lhes roupa, calçado e hospedaria, e sr. capitão do porto também prestou os seus serviços aos sobreviventes, assim como o sr. governador civil do distrito.

O sr. comandante da canhoneira «Açor» felicitou o capitão, por ter escapado à tormenta, manifestando-lhe também o seu sentimento pela morte dos cinco tripulantes.

Foi rezada uma missa, em acção de graças pela salvação dos sete marinheiros, e um responso sufragando a alma das cinco vítimas. Ao acto religioso assistiu toda a guarnição da canhoneira «Açor». O sr. capitão Vasco foi também convidado pelo ilustre oficial de marinha, comandante da canhoneira «Açor», para um jantar, tendo sido igualmente feito convite pela guarnição aos demais tripulantes. Este acto de bizarria, próprio dos nossos briosos marinheiros, causou na cidade da Horta a mais bela impressão.

Os sobreviventes acham-se reconhecidos para com todas as pessoas que tantos benefícios lhes dispensaram, mas principalmente a sua gratidão será inolvidável para com a heróica tripulação da barca salvadora «Augustura».

Consta-nos que o governo português vai agradecer o bravo comandante daquele navio, com reconhecimento do acto filantrópico e humanitário que praticou. A barca «Faro» era de 277 toneladas e pertencia ao sr. J. A. Júdice Fialho, de Faro.

A DRAGAGEM DO GUADIANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

zer os interesses dos portos de Vila Real de Santo António e de Aiamonte, incrementando assim a importante corrente comercial do nosso porto. Tanto o moderno e valorizado porto desta vila, como o projectado para servir a vizinha cidade fronteiriça, requerem a maior atenção da parte das autoridades marítimas de ambos os países, e isto mesmo foi reconhecido, de forma prática, na reunião havida, tanto mais que a barra do Guadiana serve de escoadouro natural para as produções mineiras de florescentes explorações, que se encontram instaladas em ambas as margens deste rio.

Antes do regresso a Portugal, os ilustres visitantes percorreram as instalações do porto de Huelva e assistiram a um almoço, no Clube Náutico de Punta Umbria, durante o qual se brindou calorosamente pelos Chefes de Estado das duas Nações irmãs, tendo-se formulado votos pela continuação das fraternais relações que presentemente

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

Bonito e atum Continua a decorrer frutuosa a pesca do bonito, no Norte de Espanha, a qual é exercida quase exclusivamente pela velha frota viguesa. O bonito está a cotar-se, na lota de Vigo, entre 11,71 e 11,97 pesetas, o quilo, e o atum, do qual se têm feito interessantes pescas, ultimamente, obtém a cotação de 10,06.

A pesca do bonito só não se pratica de Janeiro a Abril e é ela que assegura o funcionamento das numerosas fábricas da ria de Vigo, onde têm escasseado, desde há alguns anos, outras espécies industrializáveis. Dois ou três boniteiros, preparados com frigorificação, assegurariam trabalho às fábricas pombalinas durante quase todo o ano.

Mas para isto era preciso um bocadinho de coragem...

Importação de sal Como o Algarve é uma região sa-lineira importante, achamos oportuno transcrever, da «Gazeta do Comércio e da Indústria», as seguintes passagens, para esclarecimento dos salineiros:

«Então, nós agora importamos sal? Portugal, com uma tradição de explorador e exportador de sal, através de alguns séculos de história, vai agora importar um produto tão nosso como nosso é o mar com todas as suas lendas e temores? ...»

«Mas o sal?! Que diferença possível haverá entre o nosso sal refinado e o sal refinado de importação? Admitindo que o sal refinado português é inferior — o que me repugna acreditar — pergunta-se se não será preferível procurar no aperfeiçoamento dos nossos métodos a solução do problema.

E' por causa da caixa? Mas então, se é apenas uma importação de embalagens, pergunta-se se não haverá dentro da indústria portuguesa a possibilidade de apresentar o mesmo sal em embalagens originais. Há, além de tudo o mais, uma apreciável diferença de preço, que vai beneficiar o exportador e toda a sua mecânica industrial e comercial. Ao que nos foi dado averiguar, a embalagem nacional de 450 grs. custa 2\$50, ao passo que a embalagem importada, da mesma quantidade, custa 8\$50.

Uma diferença de 6\$00, que apenas se justifica pela graça e originalidade discutíveis da embalagem! E aqui se encontra plenamente o nosso apelo ao civismo dos portugueses, que não comprando o produto estrangeiro dariam uma lição muito mais importante do que à primeira vista possa parecer.»

Devemos esclarecer que em Aveiro já se fabrica hoje magnífico sal de mesa, tipo inglês. As embalagens é que são de muito mau gosto. — J. B.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum útil e proveitosa publicidade.

PROVAS DE EXAME para a Regência DE POSTOS ESCOLARES


AVISAM-SE as pessoas interessadas de que, no próximo mês de Janeiro, e no dia 7, serão efectuadas provas de exame para a regência de postos escolares, na escola masculina de Faro.

Não serão admitidos candidatos que tenham sido reprovados, no mesmo exame, há menos de 6 meses, bem como os que não provarem residir há mais de 6 meses neste Distrito.

A documentação deverá ser entregue na Direcção Escolar, de 24 de Dezembro a 3 de Janeiro. Deve ser entregue pessoalmente, para se evitarem exclusões dos candidatos.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António de 19 a 25 de Novembro:

TRAINEIRAS	
Sam Domingos	58.140\$00
Maria Rosa	43.160\$00
Flor do Guadiana	39.970\$00
Liberta	37.170\$00
Tufão	37.155\$00
Persistente	31.240\$00
Infante	30.938\$00
Janita	30.125\$00
Flor do Sul	29.970\$00
Pérola do Guadiana	26.155\$00
Raulito	17.125\$00
Briosa	11.330\$00
Oeste	9.950\$00
Norte	8.770\$00
Deolinda Rita	6.745\$00
Ponta da Piedade	2.480\$00
Bátnha	750\$00
Total	421.133\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 19 a 25 de Novembro:

Entradas:

MARIAECK, Alemão, de 846 ton., com folha de flandres, de Antuérpia.
MADEIRENSE, Português, de 497 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
CONDESA, Espanhol, 1307 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
SHELL ONZE, Português, de 358 ton., de Lisboa, com combustíveis líquidos.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.
MONTEADOR, Português, de 513 ton., de Swansea, com carvão.

Saídas:

CORVO, Português, com sal, figos, amêndoa e alfarroba, para Ponta Delgada.
MARIAECK, Alemão, com cortiça e frutos secos, para Hamburgo e Roterdão.
MADEIRENSE, Português, com sal, palma em obra, figos, laranjas, aves, alfarroba e amêndoa, para o Funchal.
CONDESA, Espanhol, com conservas, para Génova.
SHELL ONZE, Português, para Lisboa, vazio.

FARMÁCIA DE SERVIÇO
Está de serviço permanente, de 27 de Novembro a 3 de Dezembro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Tinturaria Portuguesa
APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

CHAVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

«les hommes, dans les livres d'histoire, s'agitaient en l'air comme les personnages de ces vignettes chinoises dont les pieds ne touchent à rien.»

Critério irreal era esse de desarticular a geografia e a história. Os homens não são entidades metafísicas, que vivam no puro mundo da abstracção. São entes de carne e osso, que precisam de se alimentar, que possuem uma ceneestesia própria, que têm uma sensibilidade específica para o calor e para o frio, para o vento e para a chuva, — pelo que viver neste ou naquele meio telúrico não lhes é indiferente. Têm os pés bem fincados na terra.

E, sendo assim, comete gravíssimo erro o historiador que faz de conta que a história está tão longe da geografia como nós o estamos da estrela Sirius.

VER COM OBJECTIVIDADE

Devemos dizer sempre o que vemos. Isso exige coragem? Talvez menos do que a necessária para vermos, com objectividade, aquilo que nos cai debaixo dos olhos. A imparcialidade é uma das virtudes humanas mais raras. Cada um de nós vê menos o que é, do que principalmente o que a paixão lhe dita.

Cruz Malpique

Vida Religiosa

Terá hoje lugar, nesta freguesia, a Festa de Almas, em comemoração litúrgica dos fiéis defuntos.

Na igreja matriz, serão celebradas várias missas e será cantado *Ofício de Réquiem*, depois do qual se realizará a habitual procissão ao Cemitério da Vila.

Por escritura desta data, lavrada nas notas do 8.º Cartório Notarial, a cargo do notário Pedro Augusto dos Santos Gomes, Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, foi alterado o pacto social de «M. D. M. Falconer, Lda.», com sede em Vila Real de Santo António, substituindo-se o art.º 8.º, pelo seguinte:

8.º

A administração e gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fóra dele, activa e passivamente, serão exercidas por qualquer dos sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, sem remuneração e com dispensa de caução.

§ 1.º — Para que a sociedade fique obrigada, basta a assinatura de um dos gerentes.

§ 2.º — Qualquer dos gerentes pode delegar em terceiros, por meio de procuração, toda ou parte dos seus poderes de gerência.

Que no mais mantém o pacto social existente,

Lisboa, 22 de Novembro de 1954.
A ajudante do 8.º Cartório Notarial
Odete de Lemos Figueiredo

CASA

Aluga-se, na Rua Jacinto José de Andrade.
Tratar no n.º 33 da Rua Miguel Bombarda.

TEATRO DE AMADORES

EM 24 do corrente, o Grupo Dramático «Gil Vicente» levou a efeito, na sala do Glória F. C., de que faz parte, a repetição do espectáculo teatral estreado na passada semana e composto de 2 partes: a primeira, com a apreciável peça «As Duas Máscaras», da autoria de Eduardo Schwalbach; a segunda, com um «Fim de Festa». «As Duas Máscaras», que pode considerar-se como duas peças distintas, teve, nos amadores que pisaram o palco do Glória, uns intérpretes que estiveram perfeitamente à altura da responsabilidade da mesma. Tanto na parte dramática como na humorística, os amadores teatrais sentiram-se num à-vontade pouco vulgar em pessoas que pisam os palcos pouco mais duma vez em cada ano. Um dos intérpretes dessa peça desempenhava, pela primeira vez na sua vida, um papel teatral!

A prova de que a peça agradou está na intensidade dramática que lhe souberam imprimir, a ponto de manter sob pressão de angústia quase toda a assistência! Em inúmeros olhos, as lágrimas vieram a resistir e acabavam por brilhar... Merecem menção especial, num conjunto onde todos cumpriram bem, Maria José Calé, Maria Emília Brito Monteiro e José Medel. Jaime d'Oliveira, melhorou bastante na maneira de dizer, nos gestos e no jogo fisionómico. No entanto, carece ainda de libertar-se de certa ênfase na conversação, em certas passagens que apenas requerem «naturalidade», como na vida real...

Desta vez, apareceu menos ao de cima a «responsabilidade» da estreia, notando-se melhor movimentação na maneira de pisar o palco, comedimento de gestos nalguns dos intérpretes e mais «ambiente real». Neste caso, Medel e Maria Emília do Brito muito diferentes do que na primeira noite, para melhor.

No final, foram chamados ao palco o ensaiador, sr. José António Parra, que foi a «alma» de tudo aquilo, e o sr. José do Carmo Padessa, um dos membros da Comissão Teatral do referido Grupo Cénico, a quem a assistência tributou justa salva de palmas.

No «Fim de Festa», animado pela gentil declamadora Júlia Parra, cantaram: Elisabeth Calé, Narciso Fernandes, Rita Nória, Francisco Ramires, Maria Adelaide e Leonildo Nunes. A pedido de várias pessoas, foi recitada a poesia «Manhã de Paz», que Eduardo de Oliveira disse muito bem (embora, por não estar preparado para a chamada, incompleta); terminando com Elisabeth Calé e um grupo de oito elementos, em «O Zé aperta o laço». Todos os números foram de mais ou menos agrado, e alguns deles repetidos. No entanto, merece relevo especial Narciso Fernandes, que cantou muito bem a bonita canção «Granada».

Os cenários, muito interessantes, especialmente o que serviu de fundo no «Fim de Festa», pintado pelo artista José de Lima.

O espectáculo será novamente repetido, em data a anunciar.

A. V. C.

CASA

Vende-se, localizada na Rua Cândido dos Reis, n.º 163, desta vila.
Tratar na Avenida da República, n.º 118.



DESPORTO FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

ESTORIL, 4 — OLHANENSE, 1

Na área de remate, a equipa local foi mais audaziosa

Jogo no Estoril, no Campo da Amoreira, perante fraca assistência. Arbitrou a partida o sr. Paulo de Oliveira, de Santarém.

As equipas formaram: Estoril: José Maria; Negrita, Eóli e Alberto; Pastorinha e Nunes; Lourenço, Malícia, Mota I, Rodrigues e Morais.

Olhanense: Abade; Passos, Tavares e Ezequiel; Poeira e Toupeiro; Simões II, Santiago, Rangel, Del Duca e Simões I.

1.ª parte: 1-0, por Malícia, aos 6 minutos, após um canto apontado pelo extremo, Lourenço.

2.ª parte: 3-1. Aos 15 minutos, Rodrigues fez o 2.º golo, de cabeça. Aos 23 minutos, Simões I marcou o ponto de honra dos algarvios, num excelente passe de Santiago. Aos 31 e 35 minutos, Morais e Malícia fixaram o resultado final.

O jogo Estoril-Olhanense desenvolveu-se com muito entusiasmo. Os componentes das duas equipas dispensaram os maiores esforços no alcance do triunfo. Diga-se, desde já, que ele pertenceu merecidamente ao grupo da «casa». Não porque este tivesse sido, no decorrer do encontro, superior ao adversário na apresentação do seu jogo, no delineamento das suas avançadas, enfim, no aspecto técnico. Longe disso!

O Olhanense praticou melhor futebol. Os seus jogadores tiveram mais tempo a bola nos pés. Esquematisaram mais harmoniosamente os seus lances. Lutaram, também, com vontade, igualando-se neste aspecto aos adversários. Baixando, tendenciosamente, o esférico, o «onze» visitante gizou, por vezes, jogadas de bom recorte, a meio do terreno; faltou-lhe, contudo, talento para aproveitar o factor da sua superioridade numérica em que se manteve durante 60 minutos, devido ao lesionamento de Poeira que, aos 40 minutos do primeiro tempo, teve que passar para extremo.

E foi exactamente o trabalho das duas linhas avançadas: — uma complicativa e imperante (a do Olhanense), outra mais prática, com mais poder de progressão, embora, já que os sectores atrazados se equivaleram na produção de jogo. Ao fim e ao cabo, mais uma vitória dos visitantes que foi sem dúvida merecida.

Já vimos jogar, em Faro, o Estoril, e na crónica que fizemos a respeito desse encontro, afirmámos que não têm equipa para grandes cometimentos. O Olhanense, desejoso de se reabilitar dos últimos desaires, iniciou o jogo da melhor maneira: com centros e cruzamentos para os extremos — para o esquerdo. Os golos que sofreu, pouco depois de terminado o ponto de honra, deixaram-no bastante abalado, embora não desmorresse, pois a equipa continuou a «xibir-se calma e conscienciosamente».

No Estoril, José Maria, Morais e Malícia, foram os melhores. No Olhanense, toda a defesa portou-se brilhantemente. No entanto, Toupeiro com a excelente exibição cotou-se como o melhor homem no terreno. Na linha avançada nenhum se aproveitou. Só Del Duca nos primeiros quarenta e cinco minutos tentou fazer algo. Santiago e Rangel jogaram muito abaixo das suas possibilidades, principalmente o primeiro, que raramente correu ao terreno defendido pela sua equipa. O estreste Simões II, vindo dos juniores, foi um extremo sem jogo. Para os seus companheiros, e principalmente o interior do lado, quase não existiu, parecendo votado ao olvido.

CAMPEONATO DISTRITAL da 1.ª Divisão

Resultados do passado domingo:
Loul-tano - LUSITANO . . . 2-5
C. F. Esperança S. L. e Faro 2-4
Boa Esperança-Silves F. C. . 0-1

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
LUSITANO	8	8	—	15	5	6
Silves	8	2	1	—	6	4
S. L. e Faro	8	2	—	1	6	5
B. Esperança	8	—	1	2	6	8
Louletano	8	—	1	2	7	11
Esp. Lagos	8	—	1	2	4	14

Jogos para hoje:

LUSITANO-S. Lisboa e Faro
B. Esperança-C. F. Esperança
Louletano - Silves F. C.

A arbitragem pode-se considerar excelente. Foi a melhor que vimos nesta época.

Opiniões de dois grandes jogadores

Findo o encontro Estoril-Olhanense, qual não foi o nosso espanto, quando deparamos com Castela e Diamantino, dois nomes conhecidos do futebol português. Estranhámos, como é óbvio, a presença deles num jogo de 2.ª Divisão, quando afinal havia em Lisboa jogos da 1.ª Divisão. Disseram-nos os simpáticos futebolistas o seguinte:

DIAMANTINO: Gostei do jogo. Às vezes é melhor assistirmos a estes jogos, do que propriamente aos da 1.ª Divisão. Não fui nem eu nem Castela a E'vora pelo Belenenses e por isso resolvemos vir até ao Estoril.

Acho o Olhanense uma equipa bastante jovem e de que muito há a esperar. O resultado justo seria dois a um. A arbitragem agradei-me.

CASTELA: O Estoril foi mais equipa do que o Olhanense. No entanto, o empate estaria certo. O Olhanense entregou-se por completo nos últimos quinze minutos e foi assim que os estorilistas conseguiram marcar mais dois golos. O Estoril possui bastantes valores mas tenho a impressão que não vão à 2.ª fase. Gostei do Olhanense e da arbitragem.

Hoje, no Estádio Padinha Olhanense—Coruchense

O Olhanense encontra-se, não há dúvidas, com a moral perdida. E' na verdade, caso para isso, porquanto a equipa tem estado infeliz nas últimas jornadas. O Olhanense vai, com certeza, aproveitar ser visitado, para se reabilitar dos últimos jogos, disso estamos certos. Tem como adversário uma equipa que neste torneio está a fazer excelente figura; no entanto, podem ganhar bem, se jogarem da mesma forma do que oito dias antes.

Herculano Valente

Tinturaria Portuguesa APARTADO N.º 21 MATOSINHOS

PREDIO VENDE-SE

Na Rua Cândido dos Reis, 31, nesta vila.
Propostas ao dr. Luis Bernardino da Silva—Oihão.

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON e GALVESTON

O vapor rápido

“EEMDYK”

carrega em LISBOA em 27 de DEZEMBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partida de Rotterdam:

«DALERDYK» — 10 de Dezembro

UMA BIBLIOTECA NO Grupo Desportivo de Alcoutim

É de louvar a iniciativa da direcção do Grupo Desportivo de Alcoutim, a qual animada da melhor boa vontade, resolveu instalar na sua sede uma Biblioteca, que teve o melhor acolhimento por parte da população local e em especial por todos os seus sócios, estando a direcção a receber algumas ofertas de livros.

Nas suas estantes, contam-se já algumas dezenas de livros, na maior parte de autores portugueses.

Nesta colectividade encontra-se também, mas a título de empréstimo, uma biblioteca itinerante da Campanha Nacional de Educação de Adultos, a qual despertou grande interesse à população local.

A direcção desta colectividade espera que todos os seus esforços sejam auxiliados pelas entidades oficiais e particulares.

CINE-POZ

Exibe, hoje, o filme italiano premiado em todos os festivais, *Processo contra a cidade*, com Ameдео Nazzari e Silvana Pampanini. O filme dá-nos a vida de uma cidade, Nápoles, nos seus múltiplos aspectos: o roubo, o crime, a especulação, a corrupção, a galanteria profissional e a política, num friso em que os incidentes se integram no entrecho, desnudando-nos a existência oculta e tenebrosa de uma grande cidade.

(Espectáculo para maiores de 18 anos).

Quarta feira, 1 de Dezembro, outra produção italiana de elevado poder emocional, *Perdoa-me*, com Raf Vallone, Antonella Lualdi e Tamara Lees. A acção do filme passa-se em Génova, em ambientes luxuosos ou tipicamente populares.

(Espectáculo para maiores de 18 anos).

Fogão a lenha

Vende-se, com 60 cm., em bom estado.
Tratar na Rua Teófilo Braga, 35 — Vila Real de Santo António.

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprarem, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

Visado pela Comissão de Censura

ELECTRIFICAÇÃO EM MARCHA

Na sua recente conferência de imprensa, sr. dr. Ulisses Cortês, ministro da Economia, tratando da marcha da energia eléctrica referiu-se às províncias de Trás-os-Montes, Alentejo e Algarve como «vasta mancha de sombra no panorama geral da electrificação do País».

«A grande distribuição da energia eléctrica nos distritos de Beja e Faro, que se encontra já iniciada com a construção da linha de Alcáçovas a Beja, — prometeu o sr. Ministro da Economia — vai também ser intensificada, de forma a poder concluir-se com a urgência exigida pela natureza da obra e pelos justos interesses das populações beneficiadas.»

Poucos dias decorridos esta promessa foi amplamente concretizada pela assinatura da escritura da constituição da «Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve», constituída pela União Eléctrica Portuguesa e Hidroeléctrica Alto Alentejo, com um capital de 30.000 contos.

O sr. dr. Ulisses Cortês, antes de se proceder à leitura da escritura, fez algumas considerações sobre o significado do acto que ia realizar-se.

Começou por se congratular pela constituição da nova empresa e formulou votos pelo êxito da sua missão.

Disse, em seguida, que o Governo confiaria àquela empresa a realização duma obra de instante necessidade e a que está ligado o progresso económico e social das províncias do Baixo Alentejo e do Algarve.

Acreditou que a capacidade administrativa e técnica das empresas que formam a nova sociedade e o dinamismo que as caracteriza, constituem garantia de rápida e de perfeita execução do empreendimento a seu cargo.

Para tal fim — declarou o Ministro — podem contar com o apoio do Governo que à obra de electrificação nacional, como base do desenvolvimento económico do País e da elevação das condições gerais de vida, continuará dispensando além do seu carinho, um firme concurso técnico e financeiro.

Acentuou finalmente que a obra se encontra já iniciada mas que, urge continuá-la em ritmo acelerado, para que as regiões servidas possam em breve sentir-lhe os benefícios, tanto na valorização dos seus recursos produtivos, como em melhores condições de utilização da electricidade, indispensáveis ao conforto e bem-estar das respectivas populações.

A obra importa em cerca de 100 mil contos e, conforme esquema aprovado pelo sr. Ministro da Economia, levará o máximo de 6

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

Pelo Juízo de Direito da Comarca de Vila Real de Santo António e respectiva Secção de Processos, se faz público que foi, a requerimento do próprio, declarado em estado de falência, José Soares dos Santos Júnior, comerciante desta praça, sendo fixado o prazo de 60 dias para a reclamação dos créditos, o qual começará a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio no «Diário do Governo», nos termos do art. 1144.º do Código de Processo Civil e nomeado administrador da massa falida José Cândido Monteiro, Solicitador Provisório, dos auditórios desta comarca.

Vila Real de Santo António, 24 de Novembro de 1954.

O Chefe da Secção de Processos,

a) António Figueiras da Cruz

Verifique!

O Juiz de Direito,

a) Francisco Nunes Correia

anos a executar. A concessionária fará o possível para reduzir estes prazos, embora não assegure que tal lhe seja possível.

Conta-se que o Governo, nos termos do Decreto-Lei n.º 39.480 facilite à concessionária empréstimos até 60% do custo total das obras a realizar, pois de outra forma seria inviável electrificar o Baixo Alentejo e Algarve.

O estudo económico do empreendimento não está ainda completo, mas dado o condicionamento imposto pelo meio, sabe-se de antemão que não se podem atingir tarifas muito favoráveis, isto é, os preços da electricidade consumida não serão largamente beneficiados.

Todavia, e é essa a solução essencial, completadas as instalações de grande distribuição e ligadas as respectivas linhas à rede primária nacional, o abastecimento das duas províncias atingirá o indispensável nível técnico e efectuar-se-á em condições adequadas ao valor económico das regiões servidas e às exigências do seu desenvolvimento. E' este o escopo do Estado nesta hora alta de ressurgimento em que todas as Províncias têm a atenção adequada do Governo para a elevação do seu rendimento e melhoria de vida das suas populações.

O 1.º de Dezembro NA ALA 6.ª

da Mocidade Portuguesa em Vila Real de Santo António

ESTE ano levam-se também a efeito as Comemorações da Festa que todos os Portugueses sentem, porque representa ela a nossa nacionalidade e a glória dos benefícios que nos foram concedidos pelos antepassados.

Para esse efeito, vai a Mocidade Portuguesa local realizar o seguinte programa:

I PARTE

As 8,30 horas — Concentração dos diversos Centros nas respectivas sedes.

As 8,45 horas — Içar das bandeiras da Organização, nos mesmos Centros.

As 8,55 — Concentração de todos os Centros junto do edifício da Casa da Mocidade.

As 9 horas — Içar das bandeiras da Restauração, Nacional e O. N. M. P., na Casa da Mocidade.

As 9,30 horas — Missa por alma de todos os Defensores da Independência de Portugal.

II PARTE

As 16 horas — Sessão solene, no salão de festas do Glória F. C., gentilmente cedido para o efeito, que constará de várias alusões ao acto comemorativo, por parte dos chefes das Secções e distribuição de divisas, diplomas e prémios referentes às actividades de 1953/54.

Tomam parte nestas festas o Centro Extra-Escolar 1, Centro Escolar 1, Centro Escolar Primário, Centro Especialidades de Vela e Remo e ainda a Liga dos Antigos Graduados da M. P.

São, por este meio, convidados a assistir a estes actos todas as Autoridades Militares e civis desta vila, associando-se assim aos novos numa comemoração desta festa, que certamente sentem como bons Portugueses.

Lembra-se que os fillados que prestam serviço em qualquer unidade comercial ou industrial são dispensados nesse dia dos seus serviços, conforme estipula a Lei.

Manuel M. Mascarenhas

DESTE nosso querido amigo e prezado assinante em S. Tomé (África Ocidental Portuguesa), recebemos um cheque da importância de Esc. 100\$00, para pagamento da assinatura do nosso jornal, dos números 1 a 90. Agradecemos.

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS

A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A NOSSA RIQUEZA TURÍSTICA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

rosos frequentadores. Sem esquecer que a amenidade do clima e a beleza das paisagens coloca algumas dessas estâncias em condições de indiscutível superioridade, conforme o têm confirmado os mais valiosos testemunhos.

Encontram-se neste caso, além de tantas outras estâncias que seria longo enumerar, as águas do Gerez, autênticas rivais das de Karlsbad; as de Curia, a que poderíamos chamar a nossa Contrexville; as do Luso, que bem correspondem às de Epián; as de Caldelas, a nossa Chatel-Guyon; as de Melgaço, de averiguado poder anti-diabético; as de Vidago e das Pedras Salgadas, cujo grau de alcalinidade não desmerece, se as compararmos com as de Vichy; as águas sulfurosas das Caldas da Rainha; as das Taipas, de Castelo de Vide; da Cavaca, de Murça; da Saúde, de Moledo; de Monção, de Entre-os-Rios, de S. Pedro do Sul, de Vizela, de Vimeiro, etc., não devendo esquecer-se neste breve, e, portanto, incompleto enumerado, o importante grupo termal das Furnas, nos Açores.

São estâncias que se recomendam pelas suas comprovadas qualidades terapêuticas e pelas comodidades que, na sua maioria, já proporcionam a todos aqueles que recorrem ao seu uso, para alívio dos males de que padecem ou como mera precaução de qualquer desequilíbrio orgânico.

E não deixa de ser curioso recordar que muitas dessas estâncias revelam vestígios de remotíssimas explorações. Investidores competentes trouxeram ao nosso conhecimento, por exemplo, que as termas lisboetas de S. Paulo, assim como as de Cabeço de Vide, deviam ser já conhecidas muitos anos antes de Cristo; que as das Alcaçarias, de Caldelas, de Chaves, de Monchique, de Monte Real, das Pedras Salgadas, de S. Pedro do Sul, das Taipas, de Vidago e da Vouzela, foram usadas pelos romanos; que já D. Afonso Henriques frequentara as de S. Pedro do Sul; que as de Aregos foram fundadas, no século XII, pela Infanta D. Mafalda e as das Taipas, por D. João I, no século XIV; que D. Dinis conheceu as de Monte Real, assim como sucedera com D. João II, que foi mandado em tratamento para as de Monchique; que a Rainha D. Leonor, em 1484, «desenganada dos médicos», encontrou remédio eficaz para os padecimentos, no uso das águas das Caldas, que vieram a ter o seu nome e de cujo balneário — que funcionaria também como hospital — foi fundadora; que as termas de Entre-os-Rios já eram conhecidas em 1551, e que as de Aljustrel, assim como as de S. Pedro do Sul, já se exploravam no tempo de D. Manuel.

E' facto averiguado que a clínica termal, que ocupava lugar de tamanha importância na medicina antiga, e de que se podem encontrar vestígios por toda a parte onde existam ainda restos de antigas civilizações, não foi, de modo nenhum, descurada em Portugal, país em que se têm encontrado ruínas de balneários romanos, próximo de nascentes afamadas nos nossos dias, não escasseando também indícios daqueles que teriam existido nos períodos posteriores à fundação da nacionalidade portuguesa.

Essas nascentes a que aludimos, — algumas delas, como se vê, aureoladas por antiquíssima tradição, bem merecem, pois, ser inscritas entre os mais legítimos elementos das riquezas naturais do nosso País. E não foram poucas as que grandemente contribuíram para a justa nomeada dos lugares onde brotam, como sucedeu, por exemplo, com as de Vidago, Luso, Caldas e Pedras Salgadas, ou para acrescentar a fama dos locais da sua origem, como se verificou com as de Castelo de Vide, Monfortinho e tantas outras mais recentemente exploradas.

Além do seu valor medicinal, constituem ainda as termas portuguesas elemento preponderante dos nossos itinerários turísticos, atendendo aos encargos naturais das diferentes regiões onde se acham situadas e em que geralmente não é difícil encontrarem-se vastos motivos de interesse histórico ou arqueológico. Muitas dessas termas se recomendam como admiráveis locais de repouso ou aprazimento, bem se compreendendo, portanto, a predilecção de tantos portugueses e até de estrangeiros, que nelas vão procurar, não só a saúde do corpo, mas até a possibilidade de restauração espiritual.

Fernando de Campos

A NOSSA TERRA DONATIVOS PARA A PRIMEIRA FASE DAS OBRAS DO ALTAR-MOR DA IGREJA PAROQUIAL

Registamos, com muita satisfação, mais as seguintes ofertas para a primeira fase das obras do Altar-mor da nossa igreja paroquial. Todos os que até à data não concorreram para esta importante obra, estão ainda a tempo, pois a colocação do novo altar imporá a aquisição de novos objectos do culto e de adorno, que elevarão o custo previsto desta obra.

OFERTAS (continuação)

Nome	Valor
Transporte da última publicação	94.199\$20
Anónima	500\$00
Sebastião Santos Silva	500\$00
Sacerdote, filho da nossa terra	1.000\$00
D. Candelária Piloto	70\$00
José Caetano Felizardo	100\$00
D. Maria Flores Almeida Felizardo	100\$00
Eng. Francisco Ortigão Gomes Sanches	250\$00
D. Maria Emília Ramirez Sanches	250\$00
Anónima	100\$00
D. Clotilde Vieira Carmo	150\$00
D. Adalina Costa Medeiros Aleixo	150\$00
Oferta dos alunos do Colégio local	470\$00
D. Maria da Encarnação Capa	5.000\$00
Dr. António Horta Correia e Esposa	2.500\$00
Eng. Joaquim José Capa Horta Correia	500\$00
D. Ana Maria Capa Horta Correia	500\$00
António Manuel Capa Horta Correia	500\$00
José Eduardo Capa Horta Correia	500\$00
Menina Maria da Encarnação Capa H. Correia (2.ª oferta)	500\$00
Francisco da Cruz Martins	1.000\$00
D. Albertina de Menezes	50\$00
João Plancharte e Esposa	50\$00
D. Elvira Oliva Oliveira	50\$00
D. Amália Piloto Azevedo	300\$00
D. Maria Amália Azevedo Gonçalves	200\$00
D. Maria da Encarnação Piloto Azevedo	200\$00
D. Vitória Correia	100\$00
D. Maria da Encarnação Gomes Correia	50\$00
D. Mariana Antunes Caldeira	50\$00
D. Ana Zacarias	50\$00
D. Ivone Cortes de Almeida	50\$00
D. Francisca Castelo Branco	50\$00
D. Antónia Rafael	50\$00
Luis Acácio de Figueiredo e família	150\$00
Casa «Oliva»	100\$00
D. Carlota dos Santos Viegas	50\$00
D. Dolores dos Santos	50\$00
D. Ilda Lopes Nunes	200\$00
Soma	110.639\$20

O Pároco, Padre Joaquim Galhardo

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE MUNICIPALISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mens e com as circunstâncias, rasgou nesta cidade de Lisboa, com uma impiedade simpática, a Avenida da Liberdade, ainda hoje a artéria mais bela da capital. Sem o entusiasmo, sem a coragem e sem a visão de Rosa Araújo, cuja memória está perpetuada num monumento e nos cunhais de uma rua, que dificuldades não teriam hoje que remover as edificações lisboetas, para darem à cidade baixa o desafogo e a perspectiva que lhe proporcionou a abertura da majestosa avenida!

A função de um presidente de Câmara, que toma a sério o seu papel, não é fácil de desempenhar. Os seus afazeres são múltiplos e quanto mais entusiasmos puser na sua obra, maiores são as exigências a que tem de se submeter, por força das circunstâncias criadas. E' uma função ingrata, que tem às vezes o mérito de se impor à estima e ao apreço públicos.

A maioria dos «alcaldes» espanhóis realizou obra de vulto em todos os domínios, particularmente no abastecimento de água, higiene, instalações de bombeiros e alindamento das terras, cujos destinos lhes estão confiados. Um pormenor encontramos, que parece ajustar-se à nossa terra. Passou-se o caso em Villanueva del Arzobispo. Naturalmente, o seu mercado era acanhado e antiquado, como o nosso. E agora «o velho mercado transformou-se num mercado moderno e atraente. Uma grande câmara frigorífica, com suficiente capacidade para carnes e peixe, e uma fábrica de gelo, que produz 500 quilos diários, são amostra simples desta obra de um povo eleito.» Isto vem a propósito não só da

pequenez do nosso mercado, como da necessidade de se dar solução ao projectado mercado de peixe com instalação frigorífica. Evitar-se-ia, dispondo de instalações de frio, que faltasse o peixe em dias de temporal e evitar-se-iam ainda grandes oscilações na lota, quando o pescado aflui em abundância. Com uma ampla câmara frigorífica, já não se registaria escassez desse belo alimento, e ainda haveria possibilidades de manter a exportação, nos dias de falha de pesca, consentindo, mediante aluguer, que os negociantes armazenassem no frigorífico o seu peixe.

Mas, voltemos ao «alcalde». E' ele, mais do que ninguém, que tem que zelar pelo nome e comodidade da sua terra ou do seu pequenino Estado. Nada lhe deve escapar e tem que se multiplicar para atender a tudo, isto para que os governados se sintam bem e para que os visitantes, no regresso às suas terras, possam dizer (transcrevemos a revista, nalingua original):

- Que calles tan amplias.
- Que jardines tan preciosos.
- Que iluminación tan potente.
- Que edificios tan modernos.

E ao transcrevermos esta última linha, não podemos deixar de nos lembrar das ruínas-montureiras que os cantoneiros da Câmara ainda não carregaram na sua carroça e levaram para a estrumeira municipal!

Se fôssemos para aqui divagar em pormenor sobre as funções de presidente de edilidade, muito teríamos que rabiscar. Felizes os Municípios e os municípios que encontram governantes à altura das circunstâncias, que se dedicam de alma e coração, ao seu burgo, sem outra mira que não seja o bem dos seus concidadãos e o prestígio e em-

CANTINA ESCOLAR

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tação no número de crianças protegidas. Por esse motivo, reuniu-se um grupo de professoras locais, composto pelas sr.ªs D. Maria da Purificação Correia, D. Josefa T. da Graça Mourão Ribeiro, D. Maria dos Anjos Neves e D. Ana da Luz Ramos, as quais se constituíram em comissão e, no intuito de obterem fundos para se iniciar uma assistência escolar profícua, resolveram solicitar o concurso material da população pombalina para tal empreendimento, a todos os títulos necessário, útil e louvável. Este contributo geral, aliado ao auxílio camarário e ao subsídio do Estado, já permitiria pôr em funcionamento esta simpática obra, que beneficiaria as crianças pobres das nossas escolas.

Para tanto, em 25 de Maio deste ano, conforme noticiámos, remeteu a Comissão de Professoras cartas-circulares a todas as pessoas e entidades em condições de prestarem o seu auxílio monetário, a pedir-lhes que se inscrevessem com a verba com que desejassem contribuir para a cantina escolar desta vila.

Não tendo, até à data, a referida Comissão recebido ainda qualquer donativo ou resposta às suas circulares (nem uma só, triste é verificá-lo!), solicita-se a todas as pessoas e entidades, que receberam a circular, a fineza de não protelarem por mais tempo a sua inscrição, devolvendo os talões das mesmas, com a indicação da quantia com que pretendem auxiliar a manutenção da Cantina Escolar da nossa terra.

CASA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

garve, para o qual é de prever um assinalado êxito.

Sendo o Algarve uma das províncias de Portugal que oferece aos amadores fotográficos os melhores motivos para aproveitamento do seu gosto artístico, não será difícil esperar que a um tal certame se apresentem os mais belos trechos da linda província do Sul, quer em aspectos da natureza, como do folclore algarvio.

Para este importante concurso conta já a Casa do Algarve com bastantes prémios, constituídos de taças, artigos fotográficos, objectos de arte e, possivelmente, de uma viagem ao Algarve.

As fotografias premiadas, após a sua apresentação na Casa do Algarve, serão expostas nas principais montras de Lisboa e Porto, durante a semana da montra algarvia, a realizar nestas duas cidades, no próximo mês de Janeiro.

Em breve, daremos conhecimento do regulamento deste concurso, podendo desde já esclarecer-se que as ampliações a apresentar têm todas que obedecer às dimensões de 18x24 a 30x40, em todas as viragens, excepto coloridos à mão, e montadas em cartolina creme, não devendo a margem entre a fotografia e o extremo da cartolina exceder 4 cm.

Desde 25 do corrente, na Secretaria da Casa do Algarve, Rua Capelo, 5-2.º, telef. 25240, prestam-se todos os esclarecimentos relativos a este concurso.

beleza do seu burgo. Esses impõem-se, mesmo aos povos mais indiferentes e ingratos, que às vezes o são porque nunca se lhes proporcionou ensino de admirarem e de agradecerem.

Presidente de Câmara que leve a sua Carta a Garcia há-de contar forçosamente com o aplauso e a gratidão dos seus concitaneos — a não ser que governe monstros, em vez de pessoas.

JOB

CRENÇA NO PROGRESSO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

separa os cães dos gatos; que as deportações em massa de populações, a redução dos povos vencidos à escravatura, a destruição a ferro e fogo das cidades atacadas, a tortura e, perante tantos dramas, a indiferença daqueles que os não sofrem, eram coisas cuja repetição não seria possível.

De facto, era esse o clima do tempo. Por toda a parte, toda a gente respirava esse optimismo, a saudável crença no destino do homem, a ideia duma próxima prosperidade e felicidade para o mundo. A ciência atingira uma plenitude que ainda se não verificara em qualquer outra época anterior. Ernesto Renan reclamava-se da qualidade de apóstolo da nova mística — a ciência. As suas considerações, as suas profecias sobre o surto da ciência trazem a marca de um espírito apaixonado, quase fanático, no novo credo. Uma curiosidade sem limites, generosa nos seus objectivos, caracterizava os homens da época. Nenhum aspecto da sociedade e da natureza deixara de merecer a atenção e análise dessas inteligências interessadas pelos problemas humanos. E o século XIX, apesar de todas as ingenuidades, de todos os fracassos e ilusões, bem merece ser considerado como o século das luzes. E' que nas próprias ilusões, aceites por esses homens, vivia a crença no progresso, e todas traduziam vitalidade e segurança na vida — reflecte ainda dum optimismo que reinava na classe a que esses homens pertenciam.

Mas bem depressa o panorama social se modifica: a certeza torna-se dúvida; a tranquilidade volta-se em angústia; o optimismo descamba em negação. A Escola Histórica Alemã ressurgiu o velho mito da queda do homem; Valéry exclama dramaticamente: «Nós, as civilizações, sabemos agora que somos mortais. O próprio Renan, renegando muito do seu entusiasmo e da sua fé científica, interroga-se angustiadamente: Quem sabe se a verdade não é triste? Ao abandono da ciência, da busca da investigação, da ousadia de procurar solução para os problemas da vida e do homem, cai-se na estéril discussão das questões ociosas, empreende-se uma crítica desordenada a todas as actividades do século que acabava de findar. O homem já não tem confiança em si próprio, diminui-se-lhe o seu valor, desprezam-se ou levam-se até à suprema negação as suas qualidades mais virtuais e evidentes. Barrés chega a esta conclusão: A inteligência, que coisa mesquinha na superfície de nós próprios! Uma vaga de cepticismo e depressão espalha-se por todo o mundo. Repete-se, até à saciedade, o estribilho monótono de que os valores espirituais estão em crise. Chega-se até ao sonho dum regresso a uma hipotética idade de ouro, possivelmente localizada na Idade Média, como a desejava Berdiaef. E nesta atmosfera de negação, de desprezo pelas virtuais qualidades do homem, a ideia do progresso afundava-se, começava a ser encarada como um anacronismo ou uma questão que só provocava atritos ou sonhos de pesadelo. Fernando Brunetiere, um dos escritores mais combativos e empenhados na revisão de valores, escreve na sua obra «Moralidade da Doutrina Evolutiva»: Porque, em que consiste ele, o sábio — em que consiste esse progresso que nos gabais tanto, se nunca as reclama-

ções operárias foram mais desperadas e tiveram tanto de justificado? Se a «miséria fisiológica» e a «penúria moral» parecem aumentar todos os dias, e se, na Europa inteira, nos últimos cinquenta ou sessenta anos, o número de suicídios triplicou? Ninguém se suicida no Congo; e, sem dúvida, não são as religiões que aconselham aos seus fiéis que se desembaracem espontaneamente da vida! Ai de nós! Uma só coisa é certa; é que marchamos; mas uma coisa é duvidosa, problemática, inquietadora: é sabermos se avançamos. Eis uma pequena amostra do desencanto que corria pela Europa. Brunetiere, o homem que diagnosticou a bancarrota da ciência, na sua crítica ao progresso, adoptando uma posição pessoal perante o problema, condenava-se a não dar uma explicação satisfatória. As apreciações que nos dá sobre a ciência, a maquinaria, o desenvolvimento dos conflitos na sociedade, sofrem do prejuízo da sua posição social, da sua ideologia, dos interesses que dominavam os seus juízos e pensamento. O progresso tem de ser analisado dum ponto de vista científico impessoal, como nos afirma o historiador inglês Gordon Childe. Uma exposição clara e bem documentada é-nos dada por esse autor, na sua obra «O Homem faz-se a si próprio». A ideia do progresso nunca se deve colocar num plano individual — se perguntarmos a uma mulher, cujo filho foi despedaçado por uma bomba lançada por um avião, essa mulher mostrar-nos-á a sua hostilidade ao progresso; se inquirirmos dum larário se se acha satisfeito com a iluminação das ruas, o larário certamente nos dirá que desejaria as ruas mal iluminadas, pois desse modo, o seu «trabalho» seria muito menos arriscado. Se perguntarmos a um comerciante se aprecia a utilidade duma viagem rápida de avião, o comerciante, certamente, responderá que sim, que o progresso veio facilitar a sua vida profissional, economizando tempo que lhe é precioso. Mas se perguntarmos a um almocorve se está satisfeito com o automóvel e o avião, a sua resposta será bem diferente e ele acusará o progresso de lhe ter dificultado a vida. Eis alguns exemplos que mostram como de maneiras diferentes se encara o progresso.

Karl Pearson escreve: «O homem de mentalidade científica tem de lutar por se eliminar a si próprio dos seus prejuízos». E hoje, infelizmente, não se faz isso. Cada um procura estabelecer as suas deduções dentro das suas conveniências e interesses. O progresso, no entanto, continua a ser um facto, uma força de tal ordem que se impõe, mesmo contra os seus mais encarniçados inimigos. Como uma força explosiva e violenta, o progresso triunfa de todos os obstáculos. Encarado numa escala de tempo considerável, na ordem das centenas ou milhares de anos, o surto do progresso já não admite quaisquer dúvidas. Desde o aparecimento do Cromagnon até aos nossos dias, há todo um longo caminho percorrido que só os totalmente cegos não podem atingir o seu incommensurável alcance. Compare-se, por curiosidade, a técnica incipiente e rudimentar da época neolítica com a grandeza e variedade da técnica dos nossos dias. Se no nosso tempo ainda se não conseguiu dar a prosperidade a toda a gente, como se acreditava no século XIX, o facto não se deve à carência de meios e recursos para se atingir tal desiderato, mas a factores doutra ordem, que têm impedido uma utilização acertada e o aproveitamento da técnica. Possuímos os meios, as fontes de abundância; precisamos agora de imprimir aos esforços do homem uma nova orientação consentânea com a moral e as necessidades humanas. O progresso é o conteúdo da história — como muito bem diz Gordon Childe. A técnica faz parte desse progresso. Certamente, o progresso não se pode exclusivamente aquilatar pela quantidade dos objectos materiais; mas também é uma realidade que não podemos já avançar sem a utilização de todos os apetrechos da nossa civilização. O problema não está, pois, na destruição de toda a aparelhagem técnica, não está nas lamentações ingénuas que se levantam contra a civilização material, como alguns supõem, mas, antes, em aproveitar todos os recursos materiais para que cada indivíduo encontre na sociedade o seu pleno desenvolvimento. Essa ideia do progresso, baseada na ciência e nos esforços do homem, prevalece, apesar de tudo, e mantém-se válida nos próprios tempos de depressão.

Rodrigues Pena

1) «O Homem Faz-se a si próprio» — Gordon Childe, Tradução dos drs. Vitorino Magalhães Godinho e Jorge Borges de Macedo.

FUNCIÓNALISMO PÚBLICO

Os srs. José Cândido Monteiro e António Rodrigues Júnior foram nomeados delegados de vigilância do Tribunal de Menores, desta vila.

Foi colocado no lugar de tesoureiro da Câmara Municipal de Tavira, mediante concurso de promoção, o sr. Rui Mário Baptista, que desempenhava as funções de escriturário de 2.ª classe na secretaria da mesma Câmara.

FESTA ASSOCIATIVA no Lusitano F. C.

NO sábado, 4 de Dezembro próximo, realiza-se neste clube um espectáculo de Variedades, organizado pela Comissão da Esplanada dos Bombeiros locais. Neste festival, será apresentado por Pepe Villanueva o seu conjunto artístico «Andalucia Canta», que tanto êxito obteve na sua estreia em Vila Real, em Agosto findo, apresentando-se agora com maior elenco e com orquestra privativa.